

# CINEMA

moa sipriano

m o a s i p r i a n o . c o m

# **CINEMA**

Moa Sipriano

Meu nome é Darcy. Tenho vinte e oito. Sou enfermeiro.

Estou desempregado. Que ironia!

Estudei feito louco para aprender a cuidar de seres humanos. Mas, até ontem, eu não cultivava a mínima ideia de como examinar a mim-eu-mesmo.

Dedicado ao próximo na saúde e na doença.

Dedicado aos homens nos prazeres da carne.

Caminho pelo fio de uma lâmina de barbear todos os dias, todas as horas. Encerro meu expediente banhando-me no éter para que a Tortura cicatrize minhas feridas e meus gritos atordoem minha razão.

\* \* \*

Hoje sou parcialmente sustentado pela minha mãe e sua aposentadoria salário-mínimo. Para matar meu tempo livre e “enrolar” minha santa mãezinha, costumo zanzar pelo centro de São Paulo entre Repúblicas, Sés e Anhangabaús, de segunda até sexta-feira, com o Primeiramão debaixo do sovaco rexonado.

Sou louco por sexo. Penso vinte e quatro horas por dia em boas fudas. Transpiro luxúria por todos os poros da minha insignificância e por todas as frestas do meu perispírito. Não consigo resistir a uma vara rústica. Pouco importa se rola uma rola grande, minúscula, branca, amarela ou mulata. Pode ser um caralho grosso, fino, torto, empinado, “S” de Sadia... realmente não importa.

Nada importa!

Eu simplesmente a-do-ro cacete. De levar, de sentir, de apanhar.

Para aplacar a ira das minhas pregas, minha válvula de escape está localizada num cinema de pegação bem no centro da metrópole. É lá que centelhas masculinas buscam saciar seus prazeres mundanos. É lá que encontro diariamente dezenas de machos sem rostos, ávidos por adentrar minha carne insaciável.

Tudo é simples assim.

Idolatro machos de barba ou cavanhaque desgrenhado, fedendo pinga e cigarros de oitava. Humm, que delícia!

Aquele papo que opostos se atraem é pura balela. Os iguais é que se atraem; são os afins que acabam, de um jeito ou de outro, se esbarrando pelos cantos de uma existência errante, unindo-se para um ato conveniente, seja o resultado desse encontro algo bom ou ruim. Realmente, não importa.

Nada importa!

No meu caso, como só penso e procuro sexo, é o estado em que vibro e é o que encontro com fartura nas minhas confusas escapadas de uma vida calcada em foco, força e fezes.

Escapadas... essa é boa.

E você? É, você mesmo, sua *beesha*. Você dá muita “escapada”?

\* \* \*

Bom, voltemos ao relato do meu dia após dia que se repete dia a dia.

Chego ao cinema dez da manhã; pontualmente. Na maioria das vezes sou um dos primeiros clientes a penetrar no recinto porcamente iluminado, onde aquele etílico cheiro de nicotinosas porras vencidas impregna o ar adubado.

Na tela, as falsas putas falsas dão um duro danado para satisfazer seus ganhões. Filmes de enésima categoria.

Pois o babado fumegante é o que acontece nos cantos escuros, estratégicos, pulsantes de cacetes sendo bimbolados para fora das calças, loucos para sentir uma boca gulosa ou, o que é melhor, sedentos para foder um rabo qualquer de um Beesha que se preste ao menos a executar muito bem o serviço.

Grátis! Sempre dei graças!

É agora que começa minha festa particular. Sem nomes, sem identidades, sem cobranças, sem firulas, vou apalpando todo tipo de verga que surge no meu desfilhar provocante entre paredes carcomidas e poltronas esfareladas.

Para aquecer, começo minha atividade batendo uma para algum velhote parolo. Logo em seguida, busco algo para rebater no céu da minha boca. Chupo um, dois, no máximo três – um atrás do outro – ou tudo ao mesmo tempo agora... realmente não importa.

Nada importa!

Após o breve aquecimento, jogo minha brancura numa poltrona fedorenta qualquer. De lado para a tela, aproveito a luz difusa para apreciar o panorama geral: dezenas de casados de lá pra cá, de cá pra lá, apertando seus paus decadentes, à procura de um ou mais parceiros zumbis que lhes satisfaçam momentaneamente.

“Ei, *bofie!* É você mesmo... com cara de pedreiro! Eu tô aqui!”, digo apenas jogando um olhar certo de puta virgem de segunda viagem.

Jamais aguardo por muito tempo. E lá vem um idiota apontando o caralho empinado na direção do meu primeiro paraíso. Fecho meus olhos, abro bem a boca, dou uma boa lubrificada no cacete errante.

E dá-lhe vai e vem concretos entre gemidos falsos de vazia satisfação.

Em seguida, ponho-me “de quatro”, ali mesmo, entre as poltronas vermelhas de couro gasto, centenário. Um estranho mete um porrete cheirando a mijo recente no meu rabo branco e depilado. Eu não ligo. Daqui a pouco eu limpo o danado com minha saliva acre.

Vamos lá meu amor, fode gostoso esse rabo albino!

“Você dá melhor que puta! Ai, ui, vou gozar no teu cu, sua beesha!”, esse é o elogio trivial.

Três minutos e tudo acabado. Fim do primeiro *round*.

Não dá nem tempo para me limpar direito. Logo vem outro brutamonte e uma nova vara velha entra e sai do meu cu largo, em chamas.

*Burn, Beesha, Burn!*

Aproveitando o embalo, enquanto sou fodido atrás, pintinhos cintilantes de estudantes ainda cheirando a Ovomaltine materializam-se à minha frente. Dois frangotes que mal escaparam das fraudas de um ensino “fodamental”.

“Venham se divertir com a tia de branco!”, eu penso, entre risos cavernosos, e assim cativo inocentes de imediato.

*Chup, chup, chup, caralhada. Rebolation* atrás e na frente.

E mais uma vez meus orifícios são inundados por seivas espessas ou aguadas, em portentoso volume, num dos buracos. Ou algumas gotas em outros... realmente não importa.

Nada importa!

E assim caminha a decadente humanidade.

Para recobrar as energias, dou umas voltinhas pelos quatro cantos do cinemão. Só pra pegar um ar, dar uma enxaguada de leve na boca com meu mini Listerine, onde em seguida metade de um pacote de Hall's sempre dá conta do serviço.

Hall's Extra Forte. Esse é o segredo, beesha!

E não acaba por ai não! Logo me ajoelho diante do senhor com cara de porco ou contador ou advogado. Todos são a mesma merda.

Chupo, chupo, assopro, ponho uma rolhinha na ponta; tudo para levantar a alegria do idiota. Saio com a cara beterraba, suada, lambuzada de leite condensado fora da validade.

O velho vai para o banheiro se lavar, maravilhado com o boquete inesquecível que só um beesha como eu é capaz de proporcionar.

Enquanto isso, a retardada da esposa se nega terminantemente a fazê-lo feliz.

Solto inúmeras gargalhadas pra ninguém!

Pequenos atos proporcionam grandes prazeres e são capazes de salvar um casamento. Por que as mulheres ainda são tão idiotas! Bom, por outro lado, sorte minha. Mais enrustidos para o meu prazer descarado.

Durante as quatro, cinco horas em que permaneço no escurinho do cinema, chupo, dou e bato punhetas para aproximadamente quinze, dezoito caras. Fora os toscos românticos que adoram uns bons amassos, uns beijos de língua e, vá lá, umas

“enrabadas” e pegadas a contragosto em certos casados desesperados por instantes de carinho.

Eu tenho um bom pau, mas sou Passivona, sua Bi do caralho!

Preservativos? Eu não “preservo” nada, sua beesha.

Eu dou para qualquer um sem proteção mesmo.

Eu não ligo. Eles não ligam. E viva o sexo livre!

Doença de *viado*, quem pega são as outras. Eu quero mais é curtir a vida deixando o mundo heteroplasma me foder as tripas.

Nada importa!

Então, como eu disse, de segunda até sexta faço cinema de pegação. Tudo anônimo no santo escurinho. Minha atividade de caráter cultural.

Eu sou uma viada cultural!

Porém, nos fins de semana, sou obrigado a fazer a linha “namoradinho ingênuo”, ora pois!

Eu tenho um bosta caquético sessentão que me come gostoso e que sustenta meus vícios: pacotes de cigarro, lanches no McDonald’s e compra de quinquilharias na feirinha da Benedito Calixto.

Ele finca o pé na ilusão, achando que eu sou só dele, coitadinho.

Você não imagina os truques que sou obrigado a desferir no infeliz, para que ele acredite que meu rabo é todo apertadinho e que permaneço o eterno inexperiente na arte da boa fodaria.

Santa Eulália da Contração Anal. Ai, quanto esforço!

Mas o sacrifício, válido, dura apenas dois dias.

No fim de domingo, após o Cansástico, dou beijinho, beijinho, faço cara de Santa Vítima do Pau Mole, e volto para casa da mamãe, triste e abatido, para na segunda recomençar a “minha luta” por um emprego decente.

Emprego decente? *Ha, ha, ha*. Quem eu quero enganar? Eu nem abro o jornal!

Não adianta. Fico ansioso pela chegada da santa segunda.

Dez da manhã, em ponto e no ponto, começo tudo de novo.

Vou dar, chupar e me esbaldar no agito do meu recinto CULTURAL.

Ela nem desconfia, mas é mamãe quem paga o ingresso da minha safadeza.

Desde que perdi o emprego, levo essa vida full(dida)time. Sou um inconsequente egoísta. Para mim-eu-mesmo, o importante é DAR de qualquer jeito, a qualquer hora, para qualquer ser que carregue um mastro funcional no meio das pernas mecânicas.

Nós, os beeshas, nascemos para isso mesmo. Nascemos para satisfazer machos frustrados e confusos no escurinho de um cinema decadente!

Pelas minhas contas falhas, ao menos cinco mil caras já desfrutaram o prazer do meu rabo piscante e da minha boca roto-rooter. Que venha mais um milhão de rolas!

\* \* \*

Quando você ler meu relato, seu viado do caralho, saiba que já estarei morto.

Sim, Ela me pegou de jeito. Eu nutria consciência de como tudo ia acabar.

Eu cavei, eu plantei, eu colhi.

Você quer saber se me arrependo dos meus atos? Não, nem um pouco.

Se eu tiver que voltar e realizar tudo mais uma vez, vou cumprir o mesmo roteiro. Eu gosto de sofrer. Entreguei meu destino ao Destino desde o dia em que perdi meu emprego.

Morri aos vinte e oito. Desencarnei aos trinta e dois. Fui enfermeiro. Um bom enfermeiro que, infelizmente, não seguiu as regras fora do hospital de excelentes trabalhos prestados.

Fiquei desempregado (eu sei que já falei isso). Ironia das ironias. Passei uma vida a cuidar do ser humano. Mas nunca me preocupei em cuidar de mim-eu-mesmo.

Vivi meus melhores anos naquele hospital da Paulista. Fui dedicado ao próximo na saúde e na doença. Passei meus melhores ânus naquele cinema do Centrão.

Fui dedicado aos homens nos prazeres da carne.

De um jeito torto, eu até dei amor.

Eu dei prazer com a consciente intenção de perder minha vida.

Nada importa!

Eu perdi Darcy. Eu perdi você...

Mas, quer saber? Não importa mais.

Pois foi meu o desejo de ser um herói derrotado.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**